

As Cóleras da História

Fouad Ammor

Como chegámos ao horror do 11 de Setembro? De onde vem a animosidade de uma parte significativa do mundo para com os EUA? Dos desequilíbrios de um mundo injusto, das políticas de "dois pesos e duas medidas", de erros de avaliação que levam a atacar os sintomas do mal-estar no mundo árabe e islâmico e não as suas causas.

Nada pode justificar o horror dos atentados de 11 de Setembro 2001 que tiveram como alvo os símbolos de poder dos Estados Unidos da América, mas que acabaram por provocar a morte de seis mil inocentes.

No entanto, para além da identificação dos autores destes actos terríveis, a grande questão que se coloca é a de saber como é que chegámos aqui? E porquê esta impressionante animosidade que uma parte do globo reserva aos EUA, modelo de democracia e de liberdade. Que lição tirar deste acontecimento?

Os EUA, grande democracia "interna", e primeira potência mundial, comportaram-se, desde a segunda guerra mundial, como os polícias do mundo, que não acham necessário prestar contas a ninguém. Em relação aos conflitos externos seguiram o credo "a América primeiro". E, pior do que isso, a sua atitude relativamente a vários diferendos traduziu-se muitas vezes por aquilo a que geralmente chamamos "dois pesos e duas medidas". Isso verifica-se no apoio incondicional dos EUA a Israel em detrimento dos palestinianos, traduziu-se até à pouco tempo pela "fabricação" e apoio ao regime dos taliban, ou pelo apoio aos regimes ditatoriais na América Latina e noutras regiões.

O "egoísmo" dos americanos não se limita a estas questões, e verifica-se também numa miríade de outros domínios: as objecções subjectivas quanto à assinatura do Protocolo de Quioto, as pressões para provocar o falhanço da Conferência de Durban, a recusa e a chantagem quanto ao pagamento da sua quota-parte nas Nações Unidas. A arrogância americana é demonstrada de forma clara nas mais diversas deliberações do Conselho de Segurança da ONU.

Face a este quadro, não é de estranhar que a animosidade em relação ao "Tio Sam" seja permanentemente alimentada. Seria completamente errado pensar que a posição dominante dos opositores dos EUA fustiga o Ocidente. Não, os visados são os EUA. Também não é a modernidade, à qual a esmagadora maioria do globo aspira, que é a visada. Não é, por fim, o cristão que é apontado a dedo como quer fazer crer uma certa imprensa ávida de clichés e de estereótipos de uma época passada.

Os que falam em confronto civilizacional entre Ocidente e Oriente, entre Islão e mundo livre, fazem, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, demagogia primária.

Não é inútil lembrar o contexto mundial da nossa época e, claro, dos dolorosos acontecimentos do 11 de Setembro. Vivemos num mundo a várias velocidades. Uma locomotiva gozando as vantagens do progresso, económico, tecnológico, político, deixa as carruagens arrastarem-se atrás de si, abandonadas à sua sorte, sobre carris ferrugentos. É aí que reside o problema fundamental: um mundo desenvolvido e que continua a enriquecer (quando, como e às custas de quem? essa é outra discussão) e um mundo subdesenvolvido que acumula frustrações e

privações políticas, económicas e culturais, e tudo isto num mundo hipermediatizado.

Se não levarmos a sério esta problemática, se continuarmos a atacar os sintomas e não as causas, a história reservar-nos-á outras cóleras e outros actos terroristas. Estes encontrarão um terreno favorável e propício para se expandir e reforçar. O 11 de Setembro constitui uma verdadeira ruptura com a ordem presente. A amplitude do sismo ultrapassa de longe tudo o que se esperava, as suas ondas de choque vão provavelmente estender-se longe, tanto no tempo como no espaço. Nenhuma região pode pensar que estará segura e ao abrigo das loucuras terroristas, cujos contornos serão dificilmente identificáveis e detectáveis "a priori". No entanto, é preciso saber a que é que devemos chamar terrorismo. Os manifestantes anti-globalização são terroristas? Não há dúvida que o terrorismo é tão velho como o mundo, e é plural e diverso nas suas origens, nos seus desenvolvimentos, nas suas formas e fins. Mas o que é novo é a constituição de redes terroristas globalizadas que dispõem de impressionantes meios humanos, materiais e de conhecimentos.

Nos debates actuais devemos evitar algumas derivas: em vez de ser visto como uma "guerra" entre civilização e terrorismo, este conflito surge aos nossos olhos como uma guerra entre ocidente e oriente. "Porque é que os ataques contra o Pentágono são vistos como ataques contra a civilização ocidental?" Os monopólios financeiros e comerciais do World Trade Center estão longe de representar a civilização. Vemos, aqui e ali, surgirem novamente velhos demónios e oposições perigosas: nós e eles, eu e o outro, os brancos e as pessoas de cor, os bons e os maus, os muçulmanos (bárbaros) e os ocidentais (civilizados).

Na sua guerra mediática os dois protagonistas, Bush e Bin Laden, referem-se à guerra das civilizações (o primeiro ao falar, nas primeiras horas que se seguiram aos atentados de 11 de Setembro, nas "cruzadas" e o outro na "guerra santa"). Enquanto defensores dos valores democráticos e de tolerância, não podemos senão denunciar estas derivas que alteram as verdadeiras problemáticas da nossa época. A luta contra o terrorismo e a sua base de retaguarda — o aprofundamento do fosso entre os que têm e os que não têm (os "have" e os "have not") — necessita não de uma coligação que caucione a acção de uma superpotência, neste caso os EUA, mas de uma regulação democrática transnacional.

É possível militar por um mundo mais humano e mais equilibrado, que integre melhor os povos que foram abandonados à sua sorte. Isso implica uma divisão mais justa das riquezas de hoje. A história ensina-nos que não podemos construir a paz sobre a miséria e a iniquidade. É preciso instaurar práticas legais e judiciais para punir os actos terroristas. Destronar os juízes em benefício dos políticos para darem o veredicto a certos actos terroristas não ajuda à consolidação da cidadania mundial e do sentimento de pertença aos valores universais de liberdade, transparência e participação. É mais do que necessário conseguir um maior equilíbrio na resolução dos conflitos que o planeta conhece, a começar pelo conflito israelo-palestiniano.

As premissas das grandes tendências para os próximos anos estão aí: a próxima guerra terá características de um tipo novo. Não será nem uma guerra entre superpotências, nem uma guerra fria, mas uma guerra opondo de um lado a

ordem/desordem mundial e do outro os grupos e indivíduos dispersos pelo mundo mas unidos pela marginalização, a incompreensão, a precaridade e a pobreza. Podemos esperar que a actual coligação contra o terrorismo se transforme numa coligação por um mundo mais justo, mais equilibrado, mais solidário, mais harmonioso, não deixando senão um espaço mínimo aos recuos identitários e às divisões ideológicas. Para isso, a União Europeia é chamada a assumir mais responsabilidades e a envolver-se mais na resolução das grandes questões da nossa época. O seu peso histórico, a sua experiência cultural, o dinamismo da sua sociedade civil, destinam-na a desempenhar uma função de vigilância, de clarividência e de equilíbrio das forças nas relações internacionais. Será cada vez mais difícil gerir as fragilidades da nossa época com meios caducos e ultrapassados. O 11 de Setembro é também um aviso aos regimes dos países do Sul para que eles "larguem lastro" e para que instaurem verdadeiras práticas democráticas e verdadeiras instituições representativas.

Experimentámos os limites tanto do mundo bipolar que engendrou a guerra fria como de um mundo unipolar que engendrou a desmesura. Agora é necessário trabalhar por um mundo multipolar, signo de pluralidade e diversidade, capaz de assegurar sentido e harmonia neste planeta em busca de equilíbrio e do bem estar colectivo.